

OS PROVÉRBIOS EM LATIM MEDIEVAL COMO ESPELHO SOCIAL – UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-LINGÜÍSTICA

Álvaro Alfredo Bragança Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: *A partir do século XII intensificou-se uma práxis nos estudos medievais, que enfatizava a confecção de exercícios escolares com finalidade mnemônica. Os provérbios em latim medieval ajudavam, pois, na preparação dos futuros prelados ao veicularem uma lição comportamental que deveria se adequar às normas estabelecidas essencialmente pelo clero, sinônimo então de cultura literária. Partindo destas constatações teceremos alguns comentários, em uma abordagem interdisciplinar, quanto à estrutura lingüística das parêmias em latim medieval, bem como procuraremos mostrar os principais eixos temáticos dos provérbios, expressões que tinham no latim seu veículo de informação ideológica.*

Palavras-chave: *Paremiologia medieval; Latim Medieval; História Social.*

ABSTRACT: *The proverbs in Medieval Latin as a social mirror: A historical- linguistic approach. Starting in the seventh century, the integration of mnemonic objectives into academic exercises had been a practice in the medieval studies. The proverbs of medieval Latin, therefore, eased the preparation of the future prelates by transmitting a behavioral lesson consistent with the norms established by and for the clergy, who were then considered the keepers of literary culture. Under this perspective, we intend to make some comments, through an interdisciplinary approach, on the linguistic proverbs in medieval Latin, as well as to depict the main thematic framework of the proverbial expressions. These expressions held in the Latin Language their vehicle for ideological information.*

Key words: *Medieval Paremiology; Medieval Latin; Social History.*

O presente trabalho possui a finalidade precípua de estudar a produção paremiológica em língua latina da Baixa Idade Média em manuscritos provenientes, em sua grande maioria, do mundo germânico durante os séculos XII a XV. Discussões sobre o língua latina na Idade Média, sobre o valor da rima bem como sobre caracterizações mais pormenorizadas sobre a Idade Média fogem ao escopo deste opúsculo. Nosso objetivo aqui é trazer alguns exemplos de parêmias e uma proposta de análise sócio-lingüística que, em nosso ver, revelam-nas como repositório de uma mentalidade pedagógico-doutrinária que tencionava manter a ordem social de acordo com a prática dogmática das Sagradas Escrituras, as quais eram entronizadas, reveladas e guardadas pela Igreja.

Exemplos de temáticas¹

1. O animal

A tradição fabulística de Esopo, Fedro e Aviano legou à humanidade o uso de animais como imagens refletidas, metáforas do próprio homem, com seus sentimentos nobres e vis. Joyce E. Salisbury em *The beast within. Animals in the Middle Ages* (1994,105) salienta o papel dos animais para o próprio auto-conhecimento do homem, pois *quando ... as pessoas podem ver um animal agindo como um homem, a metáfora pode ser eficaz nos dois sentidos, revelando o animal dentro de cada ser humano.*

A partir da herança clássica, os animais ganharam cada vez maior prestígio dentro da literatura medieval. Bestiários e livros de falcoaria, por exemplo, foram obras de grande circulação nos meios intelectuais e entre os nobres. Homens da Igreja divulgavam estórias sobre animais que supostamente instavam as pessoas a uma conduta moral superior (1994,105). A partir do século XII foram incluídos nos sermões *exempla* e *proverbia* com o uso de animais para, segundo a recomendação de Bernardo de Claraval, *estimular o intelecto do leitor*.(1994,126)

Várias foram as funções dos animais presentes nos textos medievais. Essencialmente, as principais referiam-se a eles como símbolos do trabalho, de comida e de paródia ao comportamento humano. Dentre eles, temos o lobo, a raposa, o leão, o cão, o cordeiro, a serpente, o boi, o sapo, o burro, o macaco, o gato, a cegonha, o esquilo e o veado, veiculando, portanto, veiculavam mensagens, que serviam para a reflexão do ouvinte/leitor (se adotarmos a dualidade produção escrita, destinada a um público *litteratus* X oralidade, presente, por exemplo, na homilias e sermões), mensagens essas que estavam imbuídas de uma sabedoria experiencial aliada à sabedoria primeira oriunda do conhecimento e aplicação diária da palavra de Deus.

Provérbio: *Cattus sepe satur cum capto mure iocatur* (manuscrito Ba 37)

Tradução: Frequentemente o saciado gato brinca com o aprisionado rato.

Preliminarmente, os gatos desempenham um papel de importância na história humana. Adorados e divinizados no Egito, simbolizados como animais demoníacos ou portadores de má-sorte (até hoje em dia, deparar-se com gato preto numa sexta-feira, dia 13 de qualquer mês é considerado sinônimo de azar), os felinos domésticos aparecem com frequência nos *libri proverbiorum* e bestiários medievais. Rápidos, ágeis, perseguidores incansáveis de ratos, há menção aos gatos e suas qualidades até no Direito galês do século X: *Suas qualidades são ver, ouvir, matar ratos, possuir as patas sadias, nutrir e não devorar seus gatinhos*.(SALISBURY:1994,14)

Como controlador dos roedores, o gato possuía (até hoje em dia) uma função dentro da sociedade humana. Em uma página do manuscrito do *Livro de Kells*, de origem céltica e datação incerta, há uma figura, cuja simbologia nos é similar à do provérbio 37 do manuscrito de Basel. Joyce E. Salisbury (1994:65) assim a descreve:

A figura mostra dois gatos que apanharam dois ratos pelo rabo os quais parecem estar mordiscando um objeto circular marcado com a forma de uma cruz, provavelmente uma hóstia de comunhão. ... Os gatos neste caso representam os aprimorados guardiães, desempenhando o papel deles esperado de manter a população de ratos sob controle

Os gatos, defensores da sagrada tradição da eucaristia, aproximam-se, portanto, dos eclesiásticos, que, através de seu comportamento, devem manter a ordem social de acordo com a palavra de Deus. Odo de Cheridon (nascido em 1185), ao utilizar suas fábulas para oferecer mensagens de comportamento humano para preservar a ordem social medieval, lançava frequentemente mão da figura de gatos tonsurados e paramentados como um monge para perseguir um rato. (SALISBURY, 1994:124-125)

A mentalidade medieval associava os ratos, em geral, a estragos e danos, muitas vezes permanentes. Em *Os defeitos das mulheres*, poema datado do final do século XIII e início do seguinte publicado na França, temos a mulher comparada a um rato para “destruir” (SALISBURY:1994, 157-158), donde inferimos a conotação negativa dada a ambos.

Assim, *Cattus sepe satur cum capto mure iocatur* transmite a singela mensagem do gato, saciado, que se diverte com o rato capturado, mas, em suas entrelinhas, vemos, nas metáforas do gato e do rato as figuras da vigilância da Igreja e dos males causados por este último, o qual tenta destruir aos poucos a inabalável ordem do mundo medieval. Os *custodes* desta ordem, enfim, aprazem-se com o rato capturado, pois é sempre certa a vitória da palavra de Deus.

2. A Igreja

Numa sociedade ideologicamente controlada de muito perto pela Igreja e politicamente cada vez mais enquadrada por uma dupla burocracia, laica e eclesiástica (cuja realização mais conseguida é a monarquia pontifícia, que, precisamente no século XIII, reúne os dois aspectos), os intelectuais da Idade Média são, antes de tudo, intelectuais “orgânicos”, Fiéis servidores da Igreja e do estado.

A afirmação acima de LE GOFF (s.d.:8) delimita precisamente a esfera de influência dos meios eclesiásticos dentro da vida medieval, mais precisamente, dentro da Baixa Idade Média. Com o crescente desenvolvimento das cidades, com a difusão do saber através das escolas abaciais e universidades preponderantemente a partir do século XII, estabelecem-se as bases para o aparecimento do pensador medieval. Jacques Le Goff assim sumariza este tópico ao afirmar que, um homem cuja profissão seja escrever ou ensinar – e de preferência ambas as coisas ao mesmo tempo –, um homem que profissionalmente tenha um actividade de professor e de sábio, em suma, um intelectual, esse homem só aparece com as cidades, que, nas universidades tem seu melhor meio propagador com a propagação do ensino das *artes liberales* de acordo com a cosmovisão teocêntrica eclesiástica, pois o corpo docente universitário começa por ser uma corporação eclesiástica.

Entretanto, através das obras dos mestres gregos da filosofia como Aristóteles, por exemplo, traduzidas mormente na Itália do Norte, começou a se formar o tipo de doutrina pedagógica dominante no seio do mundo intelectual medieval a partir de fins do século XII, que atingiria o ápice no século seguinte, isto é, a escolástica e seu método de questionamento científico, a dialética. No caso das universidades, Jacques Verger (1990:30) assim se expressa a respeito dessa paulatina mudança de pensamento dentro da organização estrutural do ensino:

O estudo não era mais propedêutico a uma leitura inteligente da Sagrada Escritura: com a dialética podia-se, agora, isolar da massa dos textos um certo número de problemas (quaestiones) filosóficos e científicos, nos quais o homem se interrogava sobre si mesmo, o mundo, Deus..

A crescente dissociação entre *sapere* e *professare* também pode ser aplicada no que tange à atuação do elemento eclesiástico dentro da sociedade mediéfica. Sua preparação via de regra acontecia em escolas abaciais, localizadas em regiões rurais. Como uma de suas primeiras atribuições, os monges deveriam desempenhar a função de guias sociais, pois nas palavras de Georges Duby (1979:66), a partir de fins do século XI, a *Igreja passou a recomendar desde então a todo o povo cristão, ... que os imitasse, que se impusesse as mesmas regras de pobreza, de castidade, de paz e de abstinência, e que voltasse as costas como eles a tudo o que no mundo é carnal*. Um século mais tarde, porém, com a rápida implementação do modelo de urbanização da vida social, dá-se a “transferência da iniciativa artística da abadia para as catedrais”, já que aquela “acompanhava por outro lado o profundo movimento das estruturas sociais.” Para celebrar a glória do Criador

necessitava-se cada vez mais de recursos e as bolsas eclesiásticas enchiam-se de donativos nem sempre piedosos.

O sistema feudal de acumulação de bens e de poder secular perverte o prelado, que agora tenciona possuir as duas espadas mencionadas por São Bernardo, advindas da reforma gregoriana, quais sejam, a espada espiritual e a espada temporal, apesar das vozes discordantes emergentes da própria Igreja.

Dentre os inúmeros exemplos de parêmiias com conteúdo relacionado à doutrina da religião católica selecionamos para análise um que remete o leitor/ouvinte ao clero e seus sacerdotes.

Provérbio: *Palma sacerdotum nil dans retinet sibi totum,
Est adiectiva numquam vel raro dativa. (manuscrito B)*

Tradução: A mão dos sacerdotes, ao dar nada, retém tudo para si,
Ela se estende, nunca ou raramente gosta de doar.

Um fato que nos chama atenção prende-se às formas *adiectiva* e *dativa*, as quais aparecem no segundo verso desse dístico em versos leoninos e compõem um inteligente jogo com os termos gramaticais *adiectiva* e *dativa*, que nos leva a deduzir que a circulação de tal parêmia deveria ocorrer essencialmente dentro do meio letrado da época.

De um ponto de vista eminentemente cultural, o provérbio acima faz uma crítica à cupidez do clero, pois este sempre conserva para si tudo o que pode, estendendo a mão para receber, porém nunca ou raramente dando a sua para contribuir.

Uma tal opinião negativa a respeito do clero era comum em grande parte das regiões de língua alemã no século XV. Aproximadamente um século e meio antes, vozes de protesto contra a mundanização do clero já ecoavam naquelas regiões. Um dos mais representativos textos com críticas ao comportamento do clero é o conhecido *Bulla fulminante* (*Carmen Buranum* 131-131a.), o qual se inicia com as belas assonâncias e aliterações

*Dic, Christi veritas,
dic, cara raritas,
dic, rara Caritas,
ubi nunc habitas?*

Diz, verdade de Cristo,
diz, cara raridade,
diz, rara caridade,
onde habitas agora?

e termina com a exortação

*O sedes apostolica,
que vix latet, catholica
convertere! convertere!
iam mundus languet opere.*

Ó Sede Apostólica, católica,
ela com dificuldade se esconde
Converta-te! Converta-te!
Pois o mundo espera ações.

Com efeito, muitos poemas da abadia bávara de Beuren retratam o afastamento por parte de membros do clero dos ensinamentos de Deus, criticando essa postura e tentando conscientizá-los a seguirem o modelo exemplar de Cristo.

3. A personagem clássica

Ernst Robert Curtius, em *Literatura européia e Idade Média latina* (1957:51), ao tratar da questão de quais autores seriam os mais utilizados dentro do sistema educacional medieval, cita-nos uma lista de vinte e um nomes de autoria de Konrad von Hirsau, monge germânico do século XII:

*1) o gramático Donato; 2) o aforista Catão ...; 3) Esopo ...;
4) Aviano ...; 5) Sedúlio ...; 6) Juvenco ...; 7) Próspero de
Aquitânia ...; 8) Teódulo; 9) Arátor ...; 10) Prudêncio...; 11)
Cícero; 12) Salústio; 13) Boécio; 14) Lucano; 15) Horácio;
16) Ovídio; 17) Juvenal; 18) "Homero"; 19) Pérsio; 20) Es-*

tácio 21) Virgílio.

Atesta-se esta particularidade, ou seja, a utilidade dos autores para veicular lições de moral, na literatura de cunho dogmático-doutrinário, que tinha, entre as suas formas de expressão, os exercícios escolares com provérbios rimados, muitos deles usados “como preparo para o recreio do espírito e da inteligência”.

Sem negar, portanto, o embasamento cultural dos textos da tradição cristã-patristica, os autores medievais, e sobretudo os do século XII, retomam os autores antigos como alavancas para a ampliação do horizonte cultural de então, cuja importância foi tornada célebre através das palavras de Bernardo de Chartres: *Somos anões que treparam aos ombros dos gigantes. Desse modo, vemos mais e mais longe do que eles, não porque a nossa vista seja mais aguda ou a nossa estatura maior, mas porque eles nos erguem no ar e nos elevam com toda a sua altura gigantesca.*

3.1 Bacchus

Provérbio: *Tesseribus, Bacho, stabili meretricis amore*

Qui committit ei, proprio privatur honore. (manuscrito B)

Tradução: Nos dados, em Baco, no constante amor de uma meretriz

Quem nisso incorre, é privado da própria honra.

No campo da análise lexical e semântica encontramos *tesseribus*, do latim *tessera* e este do grego *téssares*, os “dados”, objetos de forma cúbica utilizados em jogos; *Bacho*, de *Bacchus*, deus romano do vinho e da inspiração poética, aqui simbolizando a bebida; *meretricis*, forma do genitivo singular de *meretrix* e esta ligada ao verbo *merere*, “merecer”: “prostituta”; *honore*, forma ablativa de *honus*, *-ris*, a “honra própria”. O valor da *honus* para os romanos está contido neste provérbio medieval, pois quem se entrega aos prazeres do jogo, do vinho e de prostitutas está destituído de sua própria dignidade.

A sua relação com o suco fermentado do fruto da videira reflete-se nas oferendas feitas pelos seus seguidores. Como afirma o estudioso francês, “imolavam-lhe a pega, porque o vinho solta a língua e torna os bebedores indiscretos”.

Pelo exposto, nota-se, a partir da definição de seus atributos, que o deus Baco e o vinho simbolizam uma união, cujo resultado é expresso basicamente em orgias e descontrolo ao falar, derivados da embriaguez, que, segundo a visão eclesiástica medieval, afasta os homens da sobriedade e sapiência indispensáveis ao comportamento de um cristão. O vinho dentro do ideário cristão representa a transsubstanciação do sangue de Cristo, motivo pelo qual a bebida do fruto da videira deve ser tomada com o respeito devido ao valor sagrado da Eucaristia.

Conclusão

Aliando a sabedoria advinda do conhecimento divino e a cultura laica de tradição eminentemente greco-romana configurou-se, através de exercícios escolares de escrita com finalidade mnemônica, o discurso proverbial intelectualizado, em forma metrificada, que deveria ser aplicado à realidade concreta do dia-a-dia.

Em muitos casos, frutos de uma vivência popular, porém em muitos outros adaptados ao longo dos séculos para justificar uma primazia político-ideológica, os provérbios revelam, pelo menos, os subterrâneos de um discurso de dominação. James Obelkevich em seu artigo *Proverbs and Social History* (apud Mieder, 1994, 213) também possui a mesma opinião:

O que define o provérbio, entretanto, não é seu desenho externo, mas sua função externa, e aquele, geralmente, é moral e didático: as pessoas usam provérbios para dizer a outras o que fazer em uma dada situação ou que atitude tomar diante

dela. Provérbios, então, são 'estratégias para situações'; mas eles são estratégias com autoridade, que formulam uma parte de um senso comum da sociedade, seus valores e modo de fazer as coisas.

As “estratégias para situações”, pois, incluíam diversos *topoi* de recorrente cunho no discurso paremiológico.

Em suma, animais como metáforas do comportamento humano, as lições de vida pregadas e defendidas pela Igreja e o legado cultural da Antigüidade Clássica presente em deuses e personagens reais carregados de uma nova simbologia, determinam, em linhas gerais, algumas das principais temáticas dos provérbios medievais rimados, reflexos incontestáveis de uma sociedade, que ainda tinha na palavra de Deus e na escritura da Igreja os sustentáculos morais para a sua própria sobrevivência!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999. 207 p. Tese de Doutorado em Letras Clássicas. (Inédita)

¹ - Todos os títulos bibliográficos citados estão presentes na obra indexada na Bibliografia.